Em um dos anúncios do Bom Bril, o ator Carlos Moreno se veste e se posiciona como se fosse a Mona Lisa de Leonardo da Vinci e cujo slogan era "*Mon Bijou deixa sua roupa uma perfeita obra-prima*". Esse enunciado sugere ao leitor que o produto anunciado deixa a roupa bem macia e mais perfumada, ou seja, uma verdadeira obra-prima (se referindo ao quadro de Da Vinci). Nesse caso a paródia assume a função de não só persuadir o leitor como também de difundir a cultura, uma vez que se trata de uma relação com a arte (pintura, escultura, literatura etc).

UMA ILUSTRAÇÃO DIDÁTICA

Há um texto do jornalista e escritor Lago Burnet, intitulado "quem tem medo do sublead" que podemos explicitar não apenas na linguagem estética, mas também na jornalística. Daí se poderá confirmar a vigência da paródia, estilização, apropriação e paráfrase no âmbito da teoria da comunicação.

O lead é a parte do texto que abre a notícia. Em poucas linhas, o leitor deve encontrar não apenas uma introdução à notícia, mas uma informação sobre quem, o que, quando, onde, como e porque algo aconteceu, vejamos o exemplo dado por Lago Burnet:

"O tenente Manuel Bandeira matou o bancário Afrânio Peixoto, ontem às 23 horas, na ladeira da Memória, com dorso de um dicionário, por questões gramaticais."

Neste texto didático existe já uma paródia: ele pressupõe personagens de nossa vida literária (Manuel Bandeira, Afrânio Peixoto) e personagens da crônica policial da década de 50 (Tenente Bandeira e o bancário Afrânio, envolvidos na morte de Marina). O resto da "notícia" continua no mesmo tom parodístico e irônico, e, em vez da Ladeira do Sacopã, onde ocorreu o crime verdadeiro, temos a Ladeira da Memória. A arma do crime, em vez de um revólver é um dicionário, e a razão do crime não é amorosa, mas gramaticais, já que os implicados (na paródia) são dois escritores. Como se vê, a paródia tem uma função até didática, e, o que não se aprende pela tragédia, aprende-se pela comédia. (BURNET apud SANT"ANNA, 2002: 69-70).

CONCLUSÃO

Nesta fase conclusiva podemos verificar que a paródia é um efeito não só moderno, mas também muito antigo, e que a afirmativa de que paródia caracteriza sobremodo a literatura atual pode ser uma distorção analítica sobre o presente e uma falta de conhecimento do passado.

Destacamos também que paródia, paráfrase, estilização e apropriação são efeitos que podem e devem coexistir no discurso, democraticamente, e que se deve evitar a idéia de que qualquer desses efeitos é "melhor" ou "mais necessário" que o outro, pois todos fazem parte do sistema.

REFERÊNCIAS

CEREJA, W.R.; MAGALHÃES T. C. **Português Linguagens: Literatura - Produção de Texto** – Gramática. 5º Edição. São Paulo: Editora Saraiva, 2005.

LANDEIRA, J. L. M. L.; MATEOS, J. H. N. (org.) **Caderno do Professor: Linguagens, códigos e suas tecnologias** – Ensino Médio 3º série. São Paulo. CTP, Impressão e Acabamento: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2008.

PARÓDIA DA BOM BRIL/ASSOLAN. Disponível em: http://www.infoescola.com/generos-literarios/parodia/ acesso em: 20 agost. 2020.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, Paráfrase e Cia**. 7º Edição, 4º Impressão. São Paulo: Editora Ática, 2002.

A História Do Complexo Hospitalar Padre Bento Guarulhos – SP

Camila Nascimento Spioni de Paula[1]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a história do Sanatório Padre Bento, como viviam os internos, do mais completo asilo-colônia construídos para os hansenianos, na cidade de Guarulhos, São Paulo e como tornou-se referência no tratamento desta doença infectocontagiosa, que assolou o país, no início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Hanseníase. Sanatório. Infectocontagiosa.

ABSTRACT

This article aims to present the history of the Padre Bento Asylum, how the patients lived the inmates, the most comprehensive asylum colony built for leprosy patients in the city of Guarulhos , São Paulo and has become a reference in the treatment of this infectious disease , which devastated the country in the early twentieth century.

KEYWORDS: Leprosy, Sanatorium, Infectious.

1. INTRODUÇÃO

O Sanatório Padre Bento abrigou ali não só doentes, mas a história de vida de muitas pessoas que passaram anos, confinadas naqueles muros.

Esse lugar detém uma rica história para contar, desde a sua construção, que apresenta uma bela arquitetura até relatos de antigos internos que lá viveram.

Ainda, nos dias de hoje, oferece grande importância à cidade de Guarulhos, pois agora abriga um Complexo Hospitalar e deixou de herança parte do que foi construído no espaço do Sanatório, tornando possível preservar a memória de todos que presenciaram este momento da história.

2. O COMPLEXO HOSPITALAR PADRE BENTO

A partir do Arquivo Histórico de Guarulhos, foram realizados levantamentos de diversos registros sobre o Complexo Hospitalar Padre Bento, descritos a seguir.

Situado em Guarulhos, São Paulo, na região de Gopoúva e Jardim Tranquilidade, o Complexo Hospitalar Padre Bento, como hoje é conhecido, foi inaugurado em 5 de julho de 1931, na época com o nome de Sanatório Padre Bento, tendo como objetivo, internar compulsoriamente, os portadores de hanseníase (lepra), doença considerada infectocontagiosa.

As pessoas portadoras desse mal eram isoladas, a fim de evitar a proliferação da doença.

Este Complexo não era apenas um hospital aonde os doentes eram internados e, sim, um espaço de convivência, com todos os cuidados necessários para o tratamento da doença, oferecendo uma estrutura de cidade, que foi se desenvolvendo a partir da criação de uma cooperativa denominada Caixa Beneficente, segundo documentos do Governo do Estado de São Paulo (1993).

Com os donativos recebidos, foi construído, em 1936, o Teatro Padre Bento, que também abrigava um cinema, viabilizando apresentações teatrais, além de biblioteca, cassino, salão de baile e uma barbearia. Por iniciativa da Caixa, foram fundados o campo de futebol, a igreja e o grupo escolar, formando-se um complexo de 340 mil metros quadrados, impulsionando assim a vida social, cultural, artística e desportiva dos internos.

As escolas eram profissionalizantes, para suprir as necessidades do próprio Sanatório.

Apesar de todas as atividades culturais e sociais existentes no espaço do Sanatório, os internos viviam sob o regime de segregação, isolados do convívio familiar e da comunidade externa.

Portanto, a partir dessas informações, os habitantes dessa comunidade segregada, se reinventaram dentro desse cenário, conforme relato que segue:

> "O Leprosário constitui uma verdadeira cidade, um espaço de múltiplos sujeitos e experiências. Passa a ser o palco da vida desses milhares de internos que, excluídos do convívio habitual, passam ali a interagir, a festejar, a namorar, a escrever, a lamentar, a sentir saudade, esperança". (RODRIGUES, 2014, p.116)

Na imagem da Foto 1, é possível ter a visão panorâmica deste espaço, que era preservado pelos próprios internos e, na Foto 2, a organização destes pacientes, que cuidavam, dentre outras tarefas, da plantação, alimentação e limpeza do Complexo.



Foto 1- Vista aérea do Sanatório Padre Bento do ano de 1935 (Fonte: Arquivo Histórico)



Foto 2 - Internos trabalhando (Fonte: Guarulhos Tem)

A partir do levantamento bibliográfico e documentações encontradas, a localização deste Complexo foi estrategicamente escolhida, pois além de ser uma área previamente construída, possuía uma grande área livre para ampliação de futuras instalações, inovando na forma de atender a necessidade desses pacientes, que é importante ressaltar, não apresentavam um estágio avançado da doença, nem grande deterioração do corpo.

Outras razões relevantes para esta escolha, consta na íntegra, no relato de Rubio (2007) *apud* Borges (2014) que segue:

> Isso, possivelmente, porque os asilos – colonos de hansenianos foram organizados distantes dos centros urbanos, com exceção do Sanatório Padre

> Bento, onde eram mantidos pacientes sem sinais visíveis da doença, em geral pessoas de maior prestígio ou poder aquisitivo, ainda que na década de 1930 a atual região quase não fosse habilitada, a sua proximidade com a Avenida Guarulhos, que era caminho para Penha e para o Trem da Cantareira, que desde 1915 ligada Guarulhos à Zona Norte de São Paulo (Estação Gopoúva, a mais próxima do Padre Bento), fazia do Sanatório um lugar de fácil acesso, próximo à capital. (RUBIO, 2007, *apud* BORGES, 2014, p. 116)

Na Foto 3, fica comprovado que este espaço transformou-se em um novo modelo de sociedade, com suas próprias regras de convivência.



Foto 3 - Pacientes no Leprosário (Fonte: Site São Paulo Antiga)

Tão importante quanto conhecer os registros históricos desta instituição, é conhecer o relato de alguém que viveu essa experiência e que é testemunha viva da importância dessa estrutura, até a cura deste mal que segregou tantas pessoas.

2.1. O DEPOIMENTO DE UM EX-INTERNO DO SANATÓRIO PADRE BENTO

Para continuar a história do Complexo Padre Bento, serão utilizados alguns trechos de uma entrevista realizada com um antigo interno, o Sr. Walace Pereira, que aproximará o leitor, dos sentimentos dos principais personagens desta história.

O Sr. Walace, começa assim o seu relato:

> "Então, a saúde, o governo... o país vivia um regime de recessão... uma ditadura. Durou de 30 a 45, foram 15 anos de ditadura. Então, a ditadura houve por bem, criar asilos e leprosários para confiná-los, compulsoriamente, dado o pânico que passou a existir naquela época. Principalmente em São Paulo, aqueles que perambulavam pelas ruas da Capital, eram um bom número de leprosos. Depois passou a preocupar a sociedade paulistana, que exigiu do Governo que se criasse rapidamente isolamentos para confiná-los, compulsoriamente.

O governo, então, pressionado pela sociedade paulistana e, também, já era a própria medicina brasileira, Saúde Pública da época, passou a entrar em contato com Vargas, que era o ditador pra que se criasse no estado de São Paulo, asilos em várias regiões do estado". (entrevista concedida à Autora em 04/07/2016).

A partir desta fala é possível imaginar o clima de incerteza sobre esta iniciativa. O que estava por trás de tudo isso? Seriam as pessoas que entrassem nesses asilos, relegadas à própria sorte, ou seria uma luz no fim do túnel? Existiria a real possibilidade de serem tratadas com dignidade?

> (...) o único estabelecimento que teve o nome diferente foi Padre Bento, que não passou a se chamar asilos colônias, leprosários ,e sim, Sanatório Padre Bento. Por quê? Se previa também, que naquela época, embora, ficou se sabendo depois de alguns anos que a lepra era uma doença do pobre, da pobreza, que só atinge a pobreza, dado as condições precárias de vida do indivíduo, que se presumia, na época, que a doença era hereditária, foi um equívoco da medicina, ela é contagiante. A Saúde Pública só percebeu isso depois, longos anos depois, bem após, bom... então em sendo que o Sanatório Padre Bento tinha esse nome, já não tinha aquele nome contundente, asilo, leprosário, porque aqui eles achavam que, da classe média paulistana ia ser verificado, ia ser o Departamento de Profilaxia da Lepra. (entrevista concedida à Autora em 04/07/2016).

Entende-se que neste depoimento, o interno enxergou uma luz no fim do túnel, porque ele fala com ênfase em dois momentos que "o estabelecimento teve o nome diferente" e não seria mais tratado como asilos, colônias ou leprosários, expressões que notoriamente, o incomodava.

Em seu próximo relato, ele apresenta com orgulho e carinho um personagem dessa história, que marcou de forma definitiva os portadores da Hanseníase.

> Então até que um diretor, Dr. Lauro de Souza Lima (...) Ele foi o diretor, o primeiro diretor do Hospital Padre Bento e tinha um carinho todo especial por esse nosocômio aí. Bom... então, aqui começou a dar entrada, elementos da classe média, portadores da doença, raramente vinha um elemento de família pobre pra cá, ou ia pra Itu, tinha várias opções para o governo ou ia pra Itu, ou ia pra Bauru, ou ia pra Casa Branca, ou ia pra Mogi das Cruzes. Então, aqui foi um Sanatório, tudo feito com o maior carinho, e passou a se chamar o cartão de visitas do Departamento de Profilaxia da época, o Sanatório Padre Bento (...)

(entrevista concedida à Autora em 04/07/2016).

Neste trecho, o Sr. Walace, ainda faz referência à separação de classe, ou seja, percebe-se, de acordo com o seu depoimento, que o fato do público destinado a esta instituição, pertencer à classe média, garantiria ações mais concretas em busca de uma cura definitiva para a doença.

Outra citação importante e que merece ser explorada, é a figura do diretor Dr. Lauro de Souza Lima. Ele foi diretor do Departamento de Profilaxia da Lepra do Estado de São Paulo, além de atuar como consultor científico da ONU. Considerado como uma referência no tratamento da hanseníase foi considerado pelos internos como um pai, pois levou alívio aos sofredores desse mal.

Existem poucos registros sobre a importância deste per-



Foto 4 - Entrada do Estádio do Complexo do Sanatório Padre Bento. (Acervo: AAPAH)

Acompanhando os relatos do Sr. Walace, é evidente que esta nova estrutura de apoio aos leprosos, apresentava uma organização bem definida, o que pode ser confirmado, também, pelas fotos existentes em documentos históricos.

> (...) tudo era feito com o maior cuidado, tanto é que, hoje, onde tem a sede da Secretaria Municipal de Saúde, lá era o Pavilhão de Menores (...) Tinha uma ala feminina para as crianças e uma masculino, para as crianças. Eles iam pra lá com idade tenra, e com dezoito anos saíam de lá ou iam pra colônia pra comunidade Hospitalar se tivesse família. Se não tivesse família, se eles foram internos aí, sem nenhum elemento da família, portador também, eles ficavam lá, completavam dezoito anos... o projeto era que atingisse os dezoito anos, né? E continuariam no Pavilhão de Menores, lá era só pra menor de idade, mas se não tivesse famílias, eles tinham um Carvile aqui, tinha dois, ou três, ou quatro Carviles aqui na comunidade do Hospital, na área hospitalar, eles passavam a morar no Carvile, se tivesse família interna, eles passariam a morar na chamada Colônia (...) (entrevista concedida à Autora em 04/07/2016).

Na imagem da Foto 5 é possível visualizar os Pavilhões Infantis, citados pelo Sr.

Walace Pereira:



Foto 5 – Foto dos dois Pavilhões Infantis (Fonte: Era Assim Padre Bento)

Para a manutenção deste Complexo, foi criada uma Caixa Beneficente que recebia doações de empresários, comerciantes e famílias de posse, detalhado a seguir em mais um depoimento do Sr. Walace:

> (...) Caixa Beneficente, as caixas foram criadas quando o governo, o estado, criou as colônias, chamadas colônias-asilos criou-se uma Caixa Beneficente, cujo presidente era um doente interno que administrava a Caixa Beneficente, mas qual era o papel da Caixa Beneficente? Era escrever principalmente para firmas, comércios, para captação de recursos, levar para os asilos, dinheiro, principalmente dinheiro e espécies também de mercadorias, tudo em doação, porque o estado não podia receber doações, então tinha uma Caixa Beneficente pra captar recursos de fora, então tinha o Estatuto, foi criado o Estatuto pra vida das Caixas Beneficentes (...) (entrevista concedida à Autora em 04/07/2016).

Esta Caixa Beneficente foi motivo de desencontros, após a cura dos pacientes e o consequente desligamento desta instituição, conforme segue:

> (...) Ele (referindo-se ao Dr. Lauro de Souza Lima), foi o principal elemento que trouxe o remédio de lá pra cá, bem... quando o remédio adentrou as demais colônias, houve uma revolução no tratamento, em um ano, um ano e meio todo mundo tava curado, bom, e, em sendo assim, as altas começaram. Foi outro processo terrível também, a desinternação, desinternação compulsória também, a internação foi compulsória e a desinternação também. (...) Então porque que não havendo mais internação compulsória por força da cura, do remédio, porque então as Caixas continuavam atreladas à figura do diretor? Eu liderei um

movimento aqui.. Eu cheguei aqui em 57, mais eu fiquei 9 anos em Casa Branca, eu cheguei criança lá, no asilo-colônia Cocais, depois eu tive alta, fiquei 5 anos de alta, aí tive uma recidiva, a doença me apanhou de novo, aí eu não quis retornar pra á, vim pra cá, o DPL perguntou pra mim, porque eu tinha que internar, mas que eu escolhesse o Hospital, então eu preferi aqui, então dei entrada aqui em 57 e saí em 63, fiquei seis anos aqui... bom, então é o seguinte, naquele momento, porque os presidentes das Caixas não caiam a ficha e diziam assim: Por que depois da cura ter chegado, o presidente da Caixa que era um interno, um "ex"portador porque já estava curado, porque ele não administra a Caixa, sem a figura do diretor que tá ao lado dele? Não tinha mais cabimento o diretor ficar ao lado do presidente, então fizemos um movimento das Caixas Beneficentes de todas as cinco Caixas. Fizemos assembleias nos asilos, a gente queria ouvir opinião dos presidentes das Caixas, se eles concordavam em afastar a figura do diretor, ou se ele já estava acostumado com a figura do diretor, ele tinha que falar: „não, eu não tenho como administrar sozinho aí assim, eu quero continuar com a figura do diretor ao lado dela"... Não, isso aí era uma questão de autenticidade daquela pessoa, daquele indivíduo que estava sendo curado, mais com a moral super abatida, durante anos e anos, depois de tanta coisa, ele se abateu, ele tinha que reagir como pessoa humana, e dizer assim pro diretor: „sr. Diretor, aqui não cabe mais a sua presença, aqui nesse estabelecimento, nós vamos dirigir sozinhos isso aqui, os internos podem dirigir sozinhos essas Caixas"... só uma Caixa que quis continuar ao lado da figura do diretor de cinco, só essa, de Santo Ângelo em Mogi... O ex interno tinha que entender que ele era capaz de gerir aquilo sem a figura do diretor, isso a gente conseguiu, menos uma...Bom voltando as pessoas que davam entrada aqui eram pessoas da classe média tanto é que ao longo do tempo o que acontecia aí, tinha aqueles que internavam aqui, que eram chamados botina amarela, caipira mas raramente vinham um desses pra cá, aqui só classes média, mas de dois em dois anos a doença era tão avassaladora, que não tinha remédio, e o diretor fazia uma seleção dos elementos que estavam com sérios problemas da doença, o rosto atacado, pés e mãos ,que não podiam continuar mais aqui, tinham que ser removidos pra outros asilos aqui não ficavam ...então era um desespero por parte daquela pessoa que tinha que fazer as malas, entrar no carro do DPL e ir...foi um drama pra muita gente, porque eram tratados de tal forma aqui que não queriam sair, mas a cada dois anos era uma peneirada. (...) (entrevista concedida à Autora em 04/07/2016).

Os depoimentos do Sr. Walace foram de grande ajuda para compreender um pouco mais da vida dentro do Sanatório, a partir da visão de quem realmente viveu esta experiência, como interno.

É importante lembrar que a memória dessa época encontra-se não somente na memória dos seus historiadores e dos portadores de hanseníase, mas também nas imagens que se mantém até hoje dessa estrutura e, que é olhada com muito respeito por todos os cidadãos da cidade de Guarulhos.

Em conformidade com a decisão do Bacharel Jovino Cândido da Silva, Prefeito Municipal de Guarulhos, determina por meio do Decreto 21.143 de 26 de dezembro de 2000:

> **Artigo 1º** - Ficam tombados pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Paisagístico de Guarulhos os seguintes imóveis:
>
> I - Sanatório Padre Bento (imóveis e vegetação) exceto os prédios da Igreja e do Cine-Teatro tombados pela lei nº3587/90, localizado à Avenida Emílio Ribas nº 1573, Bairro Jardim Tranquilidade, de propriedade do Governo Estadual. (...) (ALBUQUERQUE, 2014, p. 36).

As Fotos 6 e 7 mostram alguns bens tombados no Sanatório Padre Bento.



Foto 6 – Pérgola (Fonte: Guarulhos Tem)



Foto 7 – Teatro Padre Bento (Fonte: Arquivo Histórico de Guarulhos)